

# Chefões do tráfico têm cemitérios clandestinos

*Nestes locais estão enterradas pessoas que descumpriam as leis do tráfico ou que pertenciam a quadrilhas rivais*

MAURÍCIO XAVIER

Os traficantes de drogas já têm mais de uma dezena de cemitérios clandestinos para a desova de cadáveres espalhados pela Grande Vitória. Nesses locais, muitos dos quais conhecidos pela polícia, estão enterrados os corpos de pessoas que descumpriram as leis do tráfico ou que foram executadas em brigas de quadrilhas rivais.

Como forma de garantir que as regras do tráfico serão obedecidas, ou por demonstração de poder, os chefões mandam executar sumariamente quem eles bem entendem.

O número assassinatos cresce infinitamente quando as quadrilhas entram em guerra na

disputa por pontos de venda de drogas. Os cemitérios são usados para ocultar os corpos das vítimas e evitar que sejam abertas investigações.

"Banalizaram a matança. Antes os chefões matavam quem desobedecia as leis do tráfico. Tiravam a vida de uma pessoa como exemplo para os demais. Agora, a vida não é mais um valor, matam por qualquer motivo", explicou o chefe da Divisão de Homicídios e Proteção a Pessoa (DHPP), delegado André Luiz dos Reis Neves.

Os traficantes chegam a estabelecer o local dos assassinatos e, em alguns casos, como na execução de traficantes de bandos rivais ou policiais, são realizados julgamentos e as vítimas são mortas com requintes de crueldade.

Porém, as principais vítimas

dos homicídios ligados ao tráfico de drogas ainda são os "aviões" (que entregam a droga), os "vapores" (que distribuem e comandam bocas-de-fumo), e os viciados que não pagam suas dívidas ou que causam problemas ao comércio de drogas.

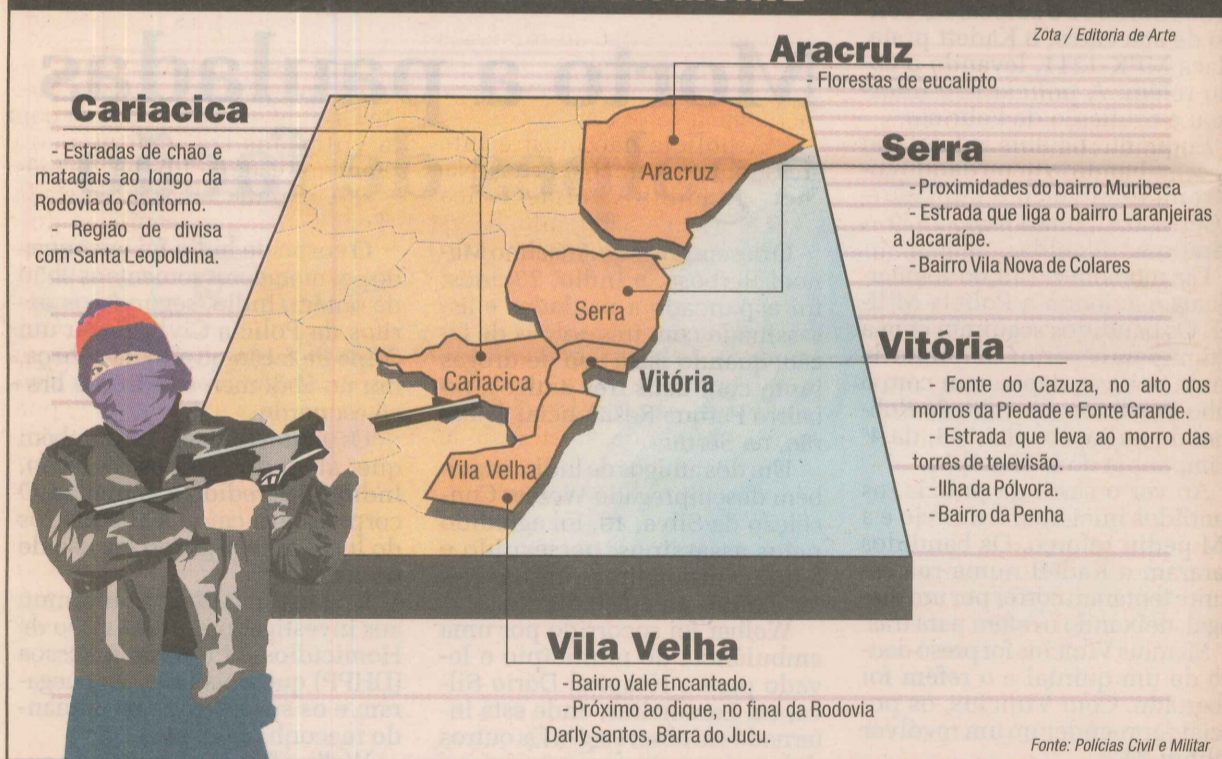
Um morador do morro da Fonte Grande disse que os ladrões que se atrevem a roubar no morro acabam desaparecendo sem deixar rastro.

"Os traficantes não permitem roubos ou assaltos lá em cima, porque a comunidade reclama e a polícia sobe. Isso atrapalha o comércio", explicou.

Segundo o representante do Movimento Nacional dos Direitos Humanos no Espírito Santo, Isaías Santana, as vítimas de crimes insolúveis no Estado devem estar enterradas em cemitérios clandestinos.

O chefe do serviço de perícias do Departamento de Criminalística da Polícia Civil, Carlos Léo Malhame Possatto, explicou que, para dificultar a identificação dos corpos, os criminosos geralmente queimam as vítimas e enterram os cadáveres.

## O MAPA DA MORTE



Local de desova entre os morros da Piedade e da Fonte Grande

## Julgamento antes da morte

Durante longas reuniões secretas em barracos, no alto dos morros da Grande Vitória, cercados de "soldados" do tráfico de drogas, os chefões fazem o julgamento de pessoas usando a lei do tráfico. Eles decidem quem irá morrer, o motivo, como será a execução e os locais do assassinato e desova da vítima.

A ousadia dos criminosos chega ao ponto deles divulgarem, em alguns bairros, listas com os nomes das pessoas que estão marcadas morrer. As listas são coladas em postes e muros deixando a população em pânico.

Os corpos das vítimas são enterrados em covas rasas, nos cemitérios clandestinos dos traficantes de drogas, que ficam em locais ermos dos morros e baixadas onde há o domínio do tráfico.

"É claro que este direito de julgar e condenar as pessoas carac-

teriza um poder paralelo. Hoje, os traficantes têm força para decidir quem vai ficar vivo e quem vai morrer. Em alguns locais eles são os donos da vida das pessoas", disse um policial civil aposentado, que preferiu não se identificar.

O poder do tráfico chega a tal ponto que eles interferem em tudo e estabelecem regras em algumas comunidades como o toque de recolher para os moradores depois de determinado horário, o horário de funcionamento das escolas e o expediente do comércio.

Há casos em que os traficantes influenciam até na religião das pessoas e determinam quais são as igrejas que os moradores devem frequentar.

Em algumas comunidades, as festas e cultos nas praças só podem ser realizadas com autorização dos chefões do tráfico.

## Bandidos põem fogo nos corpos

Para dificultar a identificação dos cadáveres e atrapalhar o levantamento de provas durante a investigação dos crimes, os traficantes costumam queimar suas vítimas antes de enterrá-las em cemitérios clandestinos.

Em alguns casos, geralmente em vinganças contra rivais ou policiais, as execuções são brutais.

Não são raros os casos em que pessoas são torturadas e mutiladas antes de morrer.

Às vezes, os "soldados" do tráfico ainda esquartejam o corpo da vítima, para dificultar o trabalho da polícia e também para mostrar às pessoas o que aconte-

ce com quem desafia os chefões do tráfico de drogas.

De acordo com o chefe do serviço de perícias do Departamento de Criminalística da Polícia Civil, Carlos Léo Malhame Possatto, entre os locais mais conhecidos de desova de cadáveres na Grande Vitória estão Muribeca e a estrada entre Serra Dourada e Jacaraípe, na Serra; a Rodovia do Contorno e a divisa com Santa Leopoldina, em Cariacica; a Barra do Jucu, em Vila Velha e as florestas de eucalipto, em Aracruz.

"Há locais, como as florestas de eucalipto, em que os animais comem os corpos da vítima

mas e espalham os restos. Por isso muitos cadáveres nunca mais são encontrados pela polícia. O local é muito grande, o que impossibilita a procura se não houver pistas", contou.

Carlos Possatto explicou que quando os assassinos não querem deixar pistas, usam luvas para não deixar impressões digitais, recolhem as cápsulas deflagradas, apagam os rastros no local do crime e se livram da arma.

Para não serem descobertos os bandidos também descaracterizam a arma raspando a numeração serial, trocando o cano e peças internas, para impossibilitar a identificação do dono.

## Crueldade nas execuções

A estratégia usada pelos traficantes de executar os rivais e enterrar em cemitérios clandestinos vem desde a década de 90, no Espírito Santo. Os crimes eram cometidos com requintes de crueldade, característicos do antiga facção Falange Vermelha.

A briga pela hegemonia do tráfico de drogas entre as quadrilhas dos traficantes Angelino José Santana, o Cheli, e Antônio Carlos Teixeira, o Fininho, que comandavam o tráfico de drogas em Santo Antônio, Vitória, deixou a população em pânico.

Em 1990, a quadrilha do traficante Cheli seqüestrou o ex-diretor do Clube Náutico Brasil, Valdecir Teixeira, que era irmão do traficante Fininho.

O irmão do traficante Fininho foi assassinado e esquartejado no morro Alagoano. O corpo de Valdecir foi jogado na estrada que dá acesso às torres de televisão, na Fonte Grande.

Valdecir teria sido levado para um barraco, onde foi julgado e condenado à morte. Ele foi pendurado numa árvore, mutilado e torturado até a morte.